

As mães de Jane Austen

Jane Austen's mothers

Marcella Faria

Universidade de Brasília (UnB)

marcella_mmf@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3744-9632>

RESUMO

Este artigo tem como finalidade identificar a figura materna presente nos romances escritos por Jane Austen, visando relacioná-la à mãe da autora, Cassandra Austen. Para tanto, descreveu-se brevemente a biografia de Cassandra, bem como possíveis especulações sobre o relacionamento entre ela e a filha. Ademais, levantou-se características desse relacionamento na obra de Austen a fim de verificar o que essas figuras maternas têm a oferecer para suas filhas como um modelo a ser seguido. Adotou-se, como linha de pensamento teórico, os pressupostos da crítica biográfica, relacionando obras literárias a acontecimentos da vida de sua autora. O resultado permitiu concluir que as figuras maternas na narrativa de Austen não desempenham o papel materno ideal. Elas apresentam falhas que são produto de uma expectativa social.

Palavras-chave: Jane Austen; Cassandra Austen; mãe; filha.

ABSTRACT

The main goal of this article is to identify the mother figure present in the novels written by Jane Austen, with the aim of linking it to the author's own mother, Cassandra Austen. For this purpose, a brief biography of Cassandra was provided, along with possible speculations about her relationship with her daughter. Furthermore, characteristics of this relationship in Austen's work were examined to determine what these maternal figures have to offer their daughters as a role model. The postulates of biographical criticism were adopted as the theoretic alline of thought, as they may relate literary works with events in the life of their author. It was possible to conclude that maternal figures in Austen's narrative do not play the ideal maternal role. They have flaws that are a product of social expectations.

Keywords: Jane Austen; Cassandra Austen; mother; daughter.

INTRODUÇÃO

“É uma verdade universalmente reconhecida”¹ que as heroínas de Jane Austen carecem de um bom modelo feminino a ser seguido. As trajetórias dessas heroínas revelam um processo de desenvolvimento e de amadurecimento ao longo dos romances, numa aprendizagem que pode caracterizar suas histórias como romances de formação (*Bildungsroman*).² Nessa modalidade romanesca, o crescimento da protagonista é um dos principais focos da narrativa, e um dos destaques nesse sentido é a presença de um(a) mentor(a) que auxilia a personagem nesse curso.

Na vida real, a família desempenha um papel fundamental na formação inicial dos filhos que, em certa medida, não só carregam consigo esse aprendizado como muitas vezes o reproduzem em maior ou menor grau. Assim, no universo feminino, uma das figuras mais importantes no crescimento da mulher é a da mãe. Em *Um quarto só seu*, inclusive, Virginia Woolf argumenta que “se nós somos mulheres, pensamos no passado através das nossas mães” (Woolf, 2021, p. 122). Já em um artigo publicado na Jane Austen Society of America, Mary Margaret Benson explica que “como mulheres, temos interesse por nossas mães; como mulheres, definimos nós mesmas, bem como nossos valores, de acordo com nossas mães, até mesmo se rejeitamos os valores delas” (Benson, 1989, p. 1).³ E essa rejeição é um elemento importante para as definições pessoais.

Contudo, é curioso notar que, em seus romances, Austen apresenta mães que não são bons exemplos para suas filhas ou essa figura se encontra ausente, no caso de protagonistas órfãs. A negação do bom exemplo e a ausência da figura materna em toda a obra de Jane Austen suscitam questionamentos sobre a relação dessa autora com sua mãe, Cassandra Austen, como também sugerem o olhar crítico de Austen para o mundo como um todo. Lucy Worsley, por exemplo, observou que a ficção de Austen estava “cheia de mães ruins:⁴ Sra. Dashwood e Sra. Bennet, que não têm bom senso, Sra. Price,

¹ Frase utilizada por Jane Austen no início de seu romance *Orgulho e preconceito*.

² O Romance de Formação ou *Bildungsroman* é um subgênero do romance que narra a trajetória de um/a protagonista, bem como seu processo de amadurecimento em vários âmbitos da vida, como o social, profissional, familiar etc.

³ As traduções dos trechos utilizados neste trabalho foram todas realizadas pela autora.

Do original: “As women we are all interested in our mothers; as women, we define ourselves and our values in terms of our mothers, and even if we ultimately reject our mothers’ values” (Benson, 1989, p. 1).

⁴ Essas mães são consideradas ruins de acordo com o contexto histórico e social no qual se insere as obras de Austen.

que carece de atenção, e as ausentes Sra. Woodhouse e Sra. Elliot, ambas mortas quando a história começa”⁵ (Worsley, 2017, p. 22).⁶

Correspondências entre a realidade do escritor e a ficção criada por ele podem ser explicadas epistemologicamente na narrativa pela referência, ou seja, pela “relação com o mundo como ‘intencionalidade’ da consciência” (Combe, 2010, p. 125). Uma narrativa pode se referir a acontecimentos imediatos ou que ocorreram muito antes, enfocando o que o falante pensava ou sabia na época em que ocorreram os fatos, como os vê retrospectivamente ou como os entende depois (Culler, 1999). Assim, correspondências entre as características das mães dos romances de Jane Austen e sua própria mãe são possíveis, já que, segundo Worsley (2017), a relação entre elas teria sido difícil.

Este artigo identifica algumas representações maternas nos seis romances dessa autora, visando relacionar traços delas à mãe de Austen, bem como ao contexto no qual viveu essa escritora. Para tanto, integram o *corpus* desta pesquisa referências biográficas da vida de Austen, bem como o conteúdo de seus romances: *Razão e sensibilidade* (2017) [1811], *Orgulho e preconceito* (2020) [1813], *Mansfield Park* (2003) [1814], *Emma* (2010) [1815], *A abadia de Northanger* (2007) [1817] e *Persuasão* (2004) [1817]. Complementarmente, serão utilizados textos críticos de Lucy Worsley, Mary Margaret Benson, Destiny Cornelison, entre outros. Buscar-se-á descrever o que pode ser especulado sobre o relacionamento de Jane Austen e sua mãe, Cassandra Austen; levantar possíveis características dessa relação na obra de Jane Austen e verificar, em particular, o que as mães criadas por Austen têm a oferecer para suas filhas como um modelo a ser seguido.

Metodologicamente, o trabalho é pautado na crítica biográfica de Paul Van Tieghem, grande adepto da doutrina do comparativismo clássico francês, que “define o objeto da literatura comparada como o estudo das diversas literaturas em suas relações recíprocas” (Carvalho, 2006, p. 18), afirmando que esse tipo de estudo possibilita, de início, que o historiador de uma nação compreenda um escritor ou uma obra de forma mais plena “ao observá-lo mergulhado no meio literário internacional ao qual ele pertence” (Tieghem, *apud* Carvalho, 2006, p. 19). Segundo ele, é possível relacionar uma obra literária a acontecimentos da vida de seu autor. Logo, a análise de uma obra pode

⁵ Ao longo deste estudo, também falaremos sobre a mãe de Catherine Morland, protagonista de *A abadia de Northanger*, romance de Austen não mencionado por Worsley nesta citação.

⁶ Do original: “full of bad mothers: Mrs Dashwood and Mrs Bennet, who lack sense, Mrs Price, who lacks attention, and the absent Mrs Woodhouse and Mrs Elliot, both dead when the story starts” (Worsley, 2017, p. 22).

revelar algo sobre quem a escreveu. Em complemento, aspectos teóricos levantados por Dominique Combe e por Jonathan Culler dão o suporte necessário à possibilidade de identificação proposta neste trabalho.

Nessa perspectiva, pode-se sugerir que (talvez) ao criar mães ruins (ou a ausência delas) em seus romances, Austen estaria evocando algo sobre seu relacionamento com Cassandra Austen, sua mãe.

O trabalho comparatista não se deve limitar a relacionar textos, uma vez que a vida do autor constitui um fator importante na gênese da obra. A revelação e a difusão de ideias e sentimentos podem, às vezes, partir de um fato histórico ou social (Nitrini, 1997, p. 32).

Nessa perspectiva, o tema deste trabalho é importante àqueles que buscam compreender as relações familiares na obra de Austen, em especial o papel da figura materna, com base em uma visão biográfica dessa autora e de seus seis romances. Assim, este artigo pode contribuir para um melhor entendimento sobre o processo de formação das heroínas criadas por Austen, sugerindo que nossas relações afetivas são capazes de moldar o nosso comportamento e a nossa personalidade.

CASSANDRA AUSTEN

Cassandra Leigh nasceu em Oxfordshire, Inglaterra, em 1739. Oriunda de família rica, aristocrática e influente, era considerada uma moça muito prendada, logo, excelente candidata a se tornar uma boa esposa. Apesar de não ser muito bonita, sua presença era marcante, devido a sua personalidade forte. Segundo Worsley, famosa historiadora inglesa,

Em relação à sua aparência, a mãe de Jane era mais notável do que bonita. Ela tinha cabelos escuros, “traços finos e bem definidos, grandes olhos cinzas e sobrancelhas bonitas”. “Ela prestava especial atenção nos narizes das pessoas”, dizem, “tendo ela um nariz muito aristocrático.” (Worsley, 2017, p. 10).⁷

Em 1764, ela se casou com um reverendo de classe média, George Austen, que havia obtido uma paróquia no condado de Steventon, Inglaterra, nesse mesmo ano.

⁷ Do original: “In appearance, Jane’s mother was striking rather than beautiful, with her dark hair, ‘fine well cut features, large grey eyes, and good eyebrows’. ‘She was amusingly particular about people’s noses,’ we’re told, ‘having a very aristocratic one herself’” (Worsley, 2017, p. 10).

Conheceram-se nas redondezas de Oxford, possivelmente na casa do Mestre do *Balliol College*, tio da delicada Cassandra Leigh, como era seu nome então. O casamento talvez tenha sido um tanto assustador, por ser ela membro de uma família tradicional e próspera, os Leighs de Warwickshire, além de ser uma escritora talentosa (Worsley, 2017, p. 9). Cassandra era inteligente e perspicaz, com talento para a escrita, principalmente poemas que eram admirados por amigos e familiares. Essas qualidades, porém, não eram muito admiradas em uma mulher na Inglaterra do século XVIII. Tais qualidades, que deveriam ser deixadas para o marido, talvez expliquem o fato de ela ter permanecido solteira até os vinte e quatro anos de idade.⁸

A mãe de Jane Austen [...] tinha uma personalidade poderosa. Ela tinha “muito bom senso”, escreveu um parente, “e muitas vezes se expressava, tanto por escrito como por conversa, com força epigramática e direto ao ponto”. Mas tais características não eram necessariamente qualidades atraentes em uma mulher georgiana, e talvez isso explique por que ela ainda era solteira no que era, para uma dama de sua época, a idade relativamente avançada de 24 anos. [...] Ela tinha orgulho de sua facilidade para com palavras, piadas e respostas, e o pai de Jane era um cavalheiro georgiano excepcional por valorizar tais habilidades tanto quanto ela (Worsley, 2017, p. 10).⁹

Embora o casal tivesse em comum o gosto pelos livros e pela escrita, é curioso o fato de Cassandra ter se casado com um simples reverendo. Sua família era abastada e ela poderia ter conseguido um casamento mais vantajoso nos termos da época. No entanto, por ser mulher, ela ficou desprovida financeiramente após o falecimento de seu pai, em 1764. Dessa maneira, ela possivelmente preferiu se casar rapidamente para assegurar uma casa para si e para sua mãe idosa e muito doente. Logo, é possível especular que não tenha sido um casamento por amor, mas sim por conveniência, como era costume na época. É difícil traçar a relação entre Cassandra e George Austen, mas como explica Worsley,

Ela entendeu que um homem como George Austen queria, não, *precisava* de – uma mulher para manter sua casa funcionando. Ele não estava se casando com uma mulher; ele estava se casando com um estilo de vida. Não havia maneira de contornar isso. [...] O Sr. Austen, que nunca foi um homem sentimental, chegou a referir-se à Sra. Austen para terceiros como “minha governanta”. E, de fato, alguns membros da família pensaram que Cassandra se casou com George simplesmente por seu próprio desejo de uma casa e segurança

⁸ Nessa época, uma mulher solteira de 24 anos de idade era considerada uma “solteirona”.

⁹ Do original: “Jane Austen’s mother [...] was a powerful personality. She had ‘strong common sense,’ wrote a relative, ‘and often expressed herself, both in writing and in conversation, with epigrammatic force and point.’ But these were not necessarily attractive qualities in a Georgian woman, and perhaps explain why she’d been still unmarried at what was, for a gentlewoman, the relatively advanced age of twenty-four. [...] She was proud of her facility for words and jests and comebacks, and Jane’s father was an exceptional Georgian gentleman in valuing it just as highly as she did” (Worsley, 2017, p. 10)

financeira. Quando o pai de Cassandra morreu, escreveu um historiador da família, seu casamento aconteceu “imediatamente depois”, para que ela “pudesse dar um lar para sua mãe” (Worsley, 2017, p. 10-11).¹⁰

Apesar de ter nascido em um berço de ouro, Cassandra estava disposta a trabalhar duro e quis demonstrar isso no dia de seu casamento:

Mas Cassandra Leigh, frágil e aristocrática na aparência, era dura como couro. Ela se casou com George em 26 de abril de 1764 na alegre cidade de Bath. Em um casamento como esse, nas periferias da vida nobre e com dinheiro um tanto escasso, o casamento também criava uma parceria comercial. Ela sinalizou suas intenções vestindo-se para a cerimônia com um robusto traje de montaria vermelho, que se tornaria seu traje diário prático para os primeiros anos de sua vida matrimonial, e que “no devido tempo foi cortado em jaquetas e calças para seus filhos” (Worsley, 2017, p. 10).¹¹

Desse dia em diante, ela passou a trabalhar duro em sua nova residência em Steventon. Pode-se dizer que ela se tornou uma fazendeira, pois plantava legumes tanto para o sustento da família como para vender a outros, além de cuidar de seus animais e de seu jardim. Além dessas tarefas domésticas, um dos maiores passatempos de Cassandra era a costura. Ela não só gostava muito dessa arte, como era muito habilidosa para tal. Inclusive, uma cena nos relatos de um membro da família Austen faz referência a essa habilidade: “[...] a porta da frente se abriu imediatamente para a sala comum, onde a Sra. Austen podia ser encontrada sentada, ‘ocupada com sua agulha, fazendo ou consertando alguma coisa’” (Worsley, 2017, p. 15)¹².

Até aqui, foram vistas duas das coisas que Cassandra mais gostava de fazer: a escrita e a costura. Talvez não por coincidência, Jane Austen tenha se tornado uma excelente escritora, além de uma ótima costureira.

¹⁰ Do original: “She understood that a man like George Austen wanted - no, *needed* - a woman to keep his household running. He wasn't marrying a woman; he was marrying a lifestyle. There was no way round that. [...] Mr Austen, never a sentimental man, would even go so far as to refer to Mrs Austen to third parties as ‘my housekeeper’. And indeed, some family members thought that Cassandra had married George simply out of her own desire for a house and financial security. When Cassandra's father died, one family historian wrote, her wedding took place ‘immediately afterwards’, so that she ‘might make a home for her mother’” (Worsley, 2017, p. 10-11).

¹¹ Do original: “But Cassandra Leigh, frail and aristocratic in appearance, was at her core as tough as leather. She had married her George on 26 April 1764 in the gay city of Bath. In a marriage like this, at the lower fringes of genteel life with money rather scarce, a wedding also created a business partnership. She signalled her intentions by dressing for the ceremony in a sturdy red riding habit, which would become her practical daily outfit for the early years of her married life, and which ‘in due course was cut up into jackets and trousers for her boys’” (Worsley, 2017, p. 10).

¹² Do original: “the front door opened immediately into the common parlour, where Mrs Austen could be found seated, ‘busily engaged with her needle, in making or repairing’” (Worsley, 2017, p. 15).

Em sua biografia intitulada *Uma memória de Jane Austen*, Edward Austen Leigh, sobrinho de Jane, afirma que “sua costura, tanto simples quanto ornamental, era excelente, e poderia quase envergonhar uma máquina de costura. Ela era considerada muito boa especialmente em costurar seda” (Austen-Leigh, 2019, p. 103). Um xale supostamente bordado por Jane Austen pode ser encontrado, hoje, na Casa-Museu de Jane Austen, em Chawton, Hampshire, Inglaterra.

Muito se fala sobre a influência de George Austen na vida de Jane. Desde pequena, ele lhe dava acesso à sua extensa biblioteca, presenteando-a, certa vez, com uma mesinha de escrever que atualmente se encontra na British Library, em Londres. Assim, Jane leu várias obras clássicas desde criança, sendo encorajada pelo seu pai a escrever seus próprios textos. Começou a escrever cedo, sendo sua juvenília composta por muitas histórias curtas e peças teatrais que eram lidas em voz alta para a família, criando-se, então, um entretenimento na residência da família Austen. George tentou publicar o primeiro livro da filha, *Primeiras impressões*, mas o manuscrito foi rejeitado pela editora. Jane o reescreveu e conseguiu publicá-lo em 1813 com o título de *Orgulho e preconceito*. Infelizmente, o reverendo Austen faleceu em 1805, sem ter visto nenhum livro da filha publicado.

O pai de Jane era muito querido e amado pela família e, como já relatado, foi uma figura importante em sua vida, uma vez que a encorajou a escrever e publicar seus livros. Mas muito pouco se sabe da influência de Cassandra na vida da filha Jane, além do óbvio: Jane era uma excelente escritora e costureira, assim como sua mãe.

Seu tio, Dr. Theophilus Leigh, foi o Mestre de *Balliol* por mais de cinquenta anos, um homem tagarela que “transbordava trocadilhos, piadas e réplicas contundentes”. Ele ficou bastante impressionado com a rapidez e inventividade de sua sobrinha, chamando-a de “a poetisa da família” e uma escritora “promissora e genial”. Mais tarde, as pessoas pensaram que a Sra. Austen, ao invés de seu marido, deve ter legado a Jane seu talento, pois ela possuía “o germe de grande parte da habilidade que estava concentrada” em sua filha mais nova. (Worsley, 2017, p. 9).¹³

Ou seja, Cassandra foi importante na educação formal de sua filha também. Ela teria sido a responsável por ensinar às filhas uma das coisas essenciais da vida. Segundo

¹³ Do original: “Her uncle, Dr Theophilus Leigh, was the Master of Balliol for more than fifty years, a chatty man ‘overflowing with puns and witticisms and sharp retorts’. He was rather taken with his niece’s own quickness and inventiveness, naming her as ‘the Poet of the Family’ and a writer ‘promising a great Genius’. People later thought that Mrs Austen, rather than her husband, must have bequeathed Jane her talent, for she possessed ‘the germ of much of the ability which was concentrated’ in her younger daughter” (Worsley, 2017, p. 9).

Worsley, “a Sra. Austen sem dúvida encontrou tempo para ensinar suas filhas a ler e escrever, o papel tradicional de uma mãe” (Worsley, 2017, p. 41).¹⁴ Embora não haja muitas informações sobre a relação de Jane com sua mãe, uns poucos relatos e cartas de familiares que sobreviveram dão conta de que a relação das duas não parece ter sido muito fácil.

O contexto familiar de Jane é descrito da seguinte forma: Jane Austen tinha cinco irmãos e uma irmã mais velha quando nasceu em Steventon, em 1775. Após dar à luz a seis crianças, Cassandra Austen estava segura de que possuía experiência o suficiente para não se preocupar em buscar ajuda médica, mesmo ante o fato de sua sétima gravidez durar dez meses. Ela se contentava com a ajuda de suas vizinhas, caso fosse necessário. Jane Austen chegou ao mundo em dezembro, em meio a um inverno mais frio e rigoroso do que era de costume, significando que ela precisaria de maior atenção e cuidado. Para tanto, Cassandra deveria diminuir suas tarefas domésticas e passar mais tempo com o bebê. Worsley ponderou que “Um bebê ‘tardio’ como este geralmente tem um corpo muito comprido (como Jane) e é frágil e doente nas primeiras semanas de vida. Esses bebês às vezes são descritos como ‘difíceis’ por suas mães e precisam de cuidados extras” (Worsley, 2017, p. 22).¹⁵ Por esse ponto de vista, talvez a origem de uma relação difícil entre mãe e filha se encontre no momento em que Jane nasceu. Como Worsley conclui, “Talvez, o problema tenha começado logo no início.” (Worsley, 2017, p. 22).¹⁶

Após seu batizado, Jane foi mandada para uma espécie de creche que cuidava e alimentava crianças pequenas. Essa prática era comum na época, e seus pais a visitavam frequentemente. Mais tarde, foi para uma escola juntamente com a irmã, que também se chamava Cassandra. Contudo, a estadia nessa instituição não durou muito, pois elas foram acometidas pelo tifo, uma doença epidêmica que pode levar a pessoa à morte. Ao saberem disso, seus pais as trouxeram para casa onde ambas se recuperaram e passaram a estudar em casa. No entanto, isso pode ter causado um distanciamento entre mãe e filha, como afirma Worsley:

Os primeiros biógrafos de Jane, membros de sua família, faziam questão de enfatizar que a vida na casa paroquial era coesa, autocontida e constantemente

¹⁴ Do original: “Mrs Austen doubtless found the time to teach her daughters how to read and write, a mother’s traditional role” (Worsley, 2017, p. 41).

¹⁵ Do original: “A ‘late’ baby like this often has a very long body (like Jane) and is frail and ill for the first few weeks of his or her life. Such babies are sometimes described as ‘difficult’ by their mothers, and in need of extra care” (Worsley, 2017, p. 22).

¹⁶ Do original: “Perhaps the trouble began right at the beginning” (Worsley, 2017, p. 22).

harmoniosa. Porém, mais recentemente, os historiadores apontaram que, com sua primeira infância em outro lugar, seguida por um período na escola, Jane deve ter passado quase cinco de seus primeiros onze anos longe de sua casa e de sua mãe. Isso posto, há um novo entendimento sobre a famosa família Austen. Talvez isso possa explicar algo sobre a frieza posterior que pode ser detectada entre Jane e sua mãe. (Worsley, 2017, p. 25).¹⁷

Conforme crescia, Jane foi se tornando mais apegada à irmã mais velha. Inclusive, a maioria das cartas escritas por Austen de que se tem conhecimento foi escrita para sua irmã. E foi Cassandra (a irmã) quem queimou muitas cartas de Jane após o falecimento dessa, talvez como forma de proteger a privacidade de Jane e da relação entre elas. Além de irmãs, elas eram melhores amigas, e Cassandra, por ser mais velha, talvez tenha se tornado a pessoa a quem Jane se dirigia, em lugar da mãe.

À medida que Jane crescia, foi com a irmã que ela teve intimidade, como se Cassandra fosse uma segunda mãe. Mães substitutas aparecem com frequência nos romances de Jane; era um papel com o qual ela estava muito familiarizada e que, no devido tempo, desempenharia para com suas sobrinhas. (Worsley, 2017, p. 26).¹⁸

Outro fato conhecido de Cassandra mãe era sua condição física. Apesar de trabalhar muito, a genitora de Jane parecia ter uma saúde frágil. Quando o casal Austen se mudou para Steventon, Cassandra se encontrava debilitada, tendo viajado em “uma cama de penas, colocada sobre alguns artigos de mobília macios na carroça”. Sua falta de saúde nesse momento era “um indicador precoce de uma vida inteira de doenças e, possivelmente, hipocondria, que alternadamente divertiria e exasperaria sua família” (Worsley, 2017, p. 8)¹⁹. Por isso, quando a família se mudou para Bath, anos depois, “entre os pontos positivos de Bath, estava o atendimento médico e era verdade que a saúde da Sra. Austen estava em declínio há anos” (Worsley, 2017, p. 156).²⁰

¹⁷ Do original: “Jane’s earliest biographers, members of her family, were keen to stress that life in the Rectory was tightly knit, self-contained and constantly harmonious. But more recently, historians have pointed out that with her early nursing elsewhere, and followed by time away at school, Jane was to spend nearly five of her first eleven years away from her home and mother. Put like that, it casts a new light on the famously familial Austens. It might also help to explain something of the later coldness that can be detected between Jane and her mother” (Worsley, 2017, p. 25).

¹⁸ Do original: “As Jane grew up, it was to her sister that she turned for intimacy, as if Cassandra were a second mother. Substitute mothers would appear often in Jane’s novels; it was a role with which she was very familiar, and would play herself in due course to younger women” (Worsley, 2017, p. 26).

¹⁹ Do original: ““on a feather-bed, placed upon some soft articles of furniture in the waggon’ [...] an early indicator of a lifetime of ailments, and possible hypochondria, that would alternately amuse and exasperate her family” (Worsley, 2017, p. 8).

²⁰ Do original: “Among the attractions of Bath was the medical care, and it is true that Mrs Austen’s health had been in decline for years” (Worsley, 2017, p. 156).

Em muitas de suas cartas, Jane se refere às doenças da mãe e a seu humor. Quando a mãe já estava idosa e debilitada, controlava bastante a vida das filhas, desejando-as sempre por perto:

A Sra. Austen pode ter abdicado de suas responsabilidades domésticas, mas ainda exercia um controle poderoso sobre suas filhas. “Foi decidido pela família que a Sra. Austen nunca deveria ser deixada sozinha”, sua neta notou, “por que, eu não sei, pois tenho certeza de que ela estava naquela época, e muito tempo depois, perfeitamente capaz de cuidar de si mesma”. Jane continuou fria com sua mãe, suspirando, quando fora de casa, que a Sra. Austen “gostaria que eu escrevesse para ela. Devo tentar pelo menos.” (Worsley, 2017, p. 238).²¹

Worsley também sugere que a relação das duas não pode ter sido muito boa pelo fato de elas serem muito parecidas. Como a mãe, Jane também era inteligente, perspicaz e de personalidade forte.

Jane raramente escreve com gentileza sobre sua mãe. Talvez o problema fosse que elas eram muito parecidas em sua nítida “inteligência vigorosa”. Jane também se viu arrastada pelo pessimismo constante de sua mãe. “Ela está razoavelmente bem” Jane escreveu em particular para Cassandra em uma ocasião, embora “ela mesma diria a você que está com um resfriado terrível na cabeça” (Worsley, 2017, p. 183).²²

Ainda que brevemente exposto, já se pode vislumbrar que Jane Austen não mantinha uma relação muito próxima com sua mãe. Como já relatado, ela passou os primeiros anos de sua vida longe de Cassandra (mãe) e suas cartas sugerem que a relação das duas não era muito afetuosa. Talvez essa experiência tenha influenciado as mães que Jane criou para suas heroínas. Tieghem afirma que “A primeira curiosidade que a leitura inspira nos leva a nos informarmos sobre a pessoa e a vida do autor. Por conseguinte, a primeira forma tomada pela história literária foi a *biográfica*” (Tieghem, *apud* Carvalhal, 1994, p. 91). Ressaltamos que o interesse pela biografia de autores(as) também se deve ao método retórico de análise textual, que toma o texto literário como um produto de

²¹ Do original: “Mrs Austen may have abdicated her domestic responsibilities, but she still exerted a powerful hold over her daughters. ‘It had been ruled in the family that Mrs Austen was never to be left alone,’ her granddaughter noticed, ‘why, I do not know, for I am sure she was at that time, and long afterwards, perfectly well able to take care of herself’. Jane continued cool towards her mother, sighing, when away from home, that Mrs Austen ‘will like to have me write to her. I shall try at least’” (Worsley, 2017, p. 238).

²² Do original: “Jane rarely writes kindly of her mother. Perhaps the problem was that they were just too much alike in their sharpness and ‘sprack wit’. Jane also found herself dragged down by her mother’s constant pessimism. ‘She is tolerably well’, Jane privately wrote to Cassandra on one occasion, although ‘she would tell you herself that she has a very dreadful cold in the head.’” (Worsley, 2017, p. 183)

comunicação entre um emissor e um receptor, ou seja, trata-se de um modo de se pensar a literatura.

AS MÃES DE JANE AUSTEN

Em *Razão e sensibilidade*, a Sra. Dashwood é a principal figura materna. Ela tem três filhas: Elinor, Marianne e Margaret, a última ainda criança. As duas mais velhas passam por difíceis experiências ao longo do romance, cada uma se comportando à sua maneira: enquanto Marianne é mais sensível e impulsiva, Elinor é mais racional e cautelosa.

No início do romance, quando o Sr. Dashwood morre, sua esposa e filhas são praticamente deserdadas e devem sair da casa confortável para levar uma vida modesta. É logo nesse momento que se percebe que a Sra. Dashwood tem dificuldade para reerguer a vida da família e ser um modelo para as filhas. Em razão disso, Elinor torna-se a responsável pela família. Quando elas estão à procura de uma nova casa, por exemplo, as opções da Sra. Dashwood são muito caras, acima de sua nova renda, cabendo a Elinor escolher a nova morada e preparar a mudança.

Quando se trata de experiências amorosas, Elinor e Marianne também sofrem bastante: Elinor se apaixona por Edward Ferrars, um rico cavalheiro cuja mãe jamais permitiria que ele se casasse com uma moça de classe inferior como ela. Mas os dois se tornam amigos e se apaixonam. Mesmo sabendo que a mãe de Edward seria contra esse casamento, a Sra. Dashwood encoraja Elinor a manter sua afeição por ele. Ao invés de ajudar sua filha a lidar com essa decepção amorosa, ela a encoraja no relacionamento que até então era impossível. Já Marianne se apaixona pelo encantador Sr. Willoughby, que se mostra apaixonado por ela, porém chega a colocá-la em situações não muito apropriadas para uma dama do século XIX. Marianne não se importa com o que as pessoas pensam e vive intensamente cada momento com Willoughby, na certeza de que logo estariam casados. Infelizmente, ela acaba de coração partido, pois Willoughby jamais a pediu em casamento.

Também nessa circunstância, a Sra. Dashwood, ao invés de orientar o bom comportamento da filha Marianne, acaba agindo como essa. Ela encoraja o comportamento inadequado da filha, acreditando que ela e Willoughby estariam noivos em segredo; não age de forma racional e, sim, de forma emocional. Com isso, não

somente não contribui para o crescimento das filhas, como também encoraja comportamentos não bem-vistos na época. Dessa forma, cabe a Elinor tomar conta de Marianne, tal como a irmã Cassandra o fez, de certa forma, com Jane. O narrador de *Razão e sensibilidade* afirma que “Elinor viu, com preocupação, o excesso de sensibilidade da irmã. A Sra. Dashwood, por outro lado, valorizava e apreciava tal sentimento” (Austen, 2017, p. 6).²³ Elinor, “cujo conselho era tão eficaz, possuía uma força de compreensão e frieza de julgamento, o que a qualificou para ser a conselheira de sua mãe, embora tivesse apenas dezenove anos de idade” (Austen, 2017, p. 5).²⁴ Dessa maneira, pode-se perceber que apesar de a Sra. Dashwood ser a mãe da família, Elinor era quem desempenhava o papel materno ideal de alguma forma.

Em *Orgulho e preconceito*, a voz narrativa sugere que a Sra. Bennet é uma mãe ridícula e condescendente, cujo único objetivo na vida é ver suas cinco filhas casadas. Para ela, um cavalheiro rico é o caminho para a felicidade. Essa crença vai contra as ideias de uma de suas filhas, Elizabeth, a protagonista do romance, que assegura jamais se casar se não for por amor.

Essa ideia de casamento para obter vantagens não era apenas vontade da Sra. Bennet, mas uma visão da própria época. A sociedade inglesa do século XIX condicionava a visão da vida (consequentemente, a visão de todas as mães de forma geral) à segurança financeira como necessidade primária. Os excessos da Sra. Bennet, tão ridiculamente descritos, mostram seu medo de que suas filhas fiquem sem um teto quando o Sr. Bennet morrer, pois nenhuma delas poderia herdar a propriedade. Esse medo pode ser visto quando ela tenta forçar Elizabeth a aceitar a proposta de casamento do horrendo Sr. Collins, herdeiro da propriedade da família. Se assim fosse, elas não perderiam a casa após o falecimento do Sr. Bennet. Inclusive, “embora os pais sejam aqueles a quem um noivo tradicionalmente pede a mão da filha em casamento, aqui a Sra. Bennet está assumindo o papel mais ativo no casamento de suas filhas” (Cornelison, 2019, p. 11),²⁵ como se seu medo a fizesse antecipar-se nas ações.

²³ Do original: “Elinor saw, with concern, the excess of her sister’s sensibility; but by Mrs. Dashwood it was valued and cherished.” (Austen, 2017, p. 6)

²⁴ Do original: “whose advice was so effectual, possessed a strength of understanding, and coolness of judgment, which qualified her, though only nineteen, to be the counsellor of her mother.” (Austen, 2017, p. 5)

²⁵ Do original: “It is also interesting to note that though fathers are the ones to whom a fiancé traditionally applies for blessing, here Mrs. Bennet is taking the more active role in the settling of her daughters” (Cornelison, 2019, p. 11).

A Sra. Bennet ainda justifica: “[...] já tive meu quinhão de beleza, mas não ambiciono ser nada de extraordinária hoje em dia. Quando uma mulher tem cinco filhas crescidas, deve deixar a própria beleza de lado” (Austen, 2020, p. 8). Enquanto é solteira, a mulher pode ser bela e desejável, mas quando se torna mãe, parece perder essas qualidades, já que deve se preocupar em educar as filhas para que elas, por sua vez belas e desejáveis, consigam um casamento vantajoso. Segundo Cornelison, “como mãe, seu gênero a restringe de uma maneira diferente da de suas filhas. Enquanto suas filhas são forçadas a buscar a dependência no casamento, as mães são forçadas a se despojar de sua própria personalidade” (Cornelison, 2019, p. 14).²⁶ Com isso, a Sra. Bennet acaba sendo uma vítima do sistema patriarcal, da mesma forma que suas filhas e, na vida real, do mesmo modo que Cassandra, mãe de Jane, casou-se com um simples reverendo após o falecimento do pai e a difícil situação financeira da família.

A Sra. Bennet chega a listar sua preferência em relação às filhas: “Lizzy não é melhor do que as outras; estou convencida de que não tem metade da beleza de Jane, e nem sequer metade do bom humor de Lydia” (Austen, 2020, p. 9).

[...] Jane é listada em primeiro lugar como digna de preferência por causa de sua beleza. Lydia vem em segundo lugar por ser bem-humorada. A ordem em que a Sra. Bennet lista suas filhas indica os valores da sociedade da época. Linda, bem-humorada e, por último, e menos importante, espirituosa. O rebaixamento de Elizabeth para o terceiro lugar indica o padrão de aceitação dentro da sociedade. A escolha de Austen de puxar Elizabeth do terceiro lugar para o de protagonista indica uma rebelião contra esta ordem. Novamente, o leitor vê uma dica de que a Sra. Bennet, por trás de seu diálogo barulhento e às vezes de comportamento inadequado, é uma realista com notável compreensão do mundo ao seu redor. Ela não está comentando sobre a virtude da ordem, mas sim reconhecendo que ela existe, seja ela dura ou não. (Cornelison, 2019, p. 17).²⁷

Na descrição do narrador, a Sra. Bennet era “de inteligência medíocre, pouca cultura e gênio instável. Quando se aborrecia, imaginava que estava nervosa. O propósito de sua vida era casar as filhas. Seu consolo, fazer visitas e saber das novidades” (Austen,

²⁶ Do original: “As a mother, her gender restrains her in a different way than it does her daughters. While they are forced to seek dependency in marriage, mothers are forced to divest themselves from their own personhood” (Cornelison, 2019, p. 14).

²⁷ Do original: “Jane is listed first as worthy of preference because of her beauty. Lydia comes in second for being sociable. The order in which Mrs. Bennet lists her daughters indicates the value placed on each attribute by society at the time. Beautiful, good-natured, and then last and also least, witty. While Mrs. Bennet’s relegation of Elizabeth to third place or later indicates the standard of acceptance within society, Austen’s choice to pull Elizabeth from third place to protagonist indicates a rebellion against this order. Again, the reader sees a hint that Mrs. Bennet, underneath her rattling dialogue and sometimes inappropriate behavior, is a realist with remarkable understanding of the world around her. She is not commenting on the virtue of the order, but rather acknowledging that it is true, harsh or not” (Cornelison, 2019, p. 17).

2020, p. 10). Na expressão “estar nervosa”, Austen parece não só confirmar sua hipocondria, como dizer que ela não sofria de fato e que as reclamações sobre seu estado de saúde nunca são levadas a sério pelas pessoas a seu redor. Pode haver aí uma referência de Austen à própria mãe que, muitas vezes, reclamava de sua pouca saúde. Jane até já havia aludido a sua mãe, em uma carta, como alguém com humor ruim e exageradamente doente, ou, à semelhança da Sra. Bennet, alguém que se aborrece e se imagina nervosa. Será que Austen levava tais reclamações a sério?

Worsley, em suas reflexões, considera que, mesmo vivendo em uma boa casa, era entediante estar sempre com os mesmos vizinhos, “ajudar as mesmas pessoas; cultivar o mesmo jardim, indefinidamente”. E uma reação a esse tédio podia ser ficar doente. “A mãe de Jane, a conselho médico, tomava ‘12 gotas de láudano’ na hora de dormir.” Porém, se assim fosse, certamente ela poderia desmaiar, já que o láudano continha 10 por cento de ópio dissolvido em álcool, uma grande dose de morfina, de codeína e de outros alcaloides do ópio. Mas Jane declarou, em uma de suas cartas para a irmã, que sua mãe estava “razoavelmente bem”. “Ela mesma diria a você que está com um resfriado terrível no momento; mas eu não tenho muita compaixão por resfriados.” (Worsley, 2017, p. 100).²⁸ Aqui, novamente, a verossimilhança: se a mãe de Jane parecia sempre mascarar seu bem-estar com um resfriado (como evocado da declaração da filha), no romance, a Sra. Bennet também mascara seu descontentamento com o “nervoso”.

Outro traço de Cassandra Austen mãe em *Orgulho e preconceito* está na figura do Sr. Collins. Worsley (2017) relata que, quando a família Austen visitou uma grande e rica propriedade na Inglaterra, Cassandra contou as janelas da fachada oeste para demonstrar, à sua nora, como era uma grande casa. Há no Sr. Collins algo da Sra. Austen: ele não consegue se abster de dizer a Lizzy Bennet quantas janelas a casa tem, quando se aproximam de Rosings em *Orgulho e preconceito*, e não consegue manter para si a informação de “quanto custou originalmente a vidraça” (Worsley, 2017, p. 209).²⁹ Certamente, é curioso notar que Austen decidiu inserir características de sua própria mãe em um dos personagens mais detestáveis e inconvenientes de seus livros.

Em outro romance, *Mansfield Park*, a Sra. Price é uma mãe extremamente ausente. Ela nasceu em uma família rica e optou por um casamento desvantajoso que a colocou

²⁸ Do original: “help the same paupers; cultivate the same garden, over and over again. [...] Jane’s mother on medical advice took ‘12 drops for Laudanum’ at bedtime’ [...] ‘She is tolerably well’ [...] ‘She would tell you herself that she has a very dreadful cold in her head at present; but I have not much compassion for colds’” (Worsley, 2017, p. 100).

²⁹ Do original: “what the glazing altogether had originally cost” (Worsley, 2017, p. 209).

em dificuldades financeiras. Não fica claro se tal casamento foi por amor ou por uma impulsividade juvenil. Ela acaba tendo vários filhos e não consegue cuidar de todos eles. Assim, envia sua filha Fanny, protagonista do romance, para morar na rica propriedade de *Mansfield Park* com suas tias.

Fanny cresce nessa casa e enfrenta dificuldades, pois recebe um tratamento diferente do dispensado a seus primos por ser considerada inferior; até mesmo sua educação é relegada. Referindo-se a Fanny, uma das tias afirma para uma de suas primas que “[...] não é absolutamente necessário que ela [Fanny] seja tão talentosa quanto você; pelo contrário, é muito mais desejável que haja uma diferença entre vocês” (Austen, 2003, p. 16)³⁰.

As primas de Fanny a desprezam e a consideram inferior, por ela não ter o mesmo grau de educação que elas. Fanny não teve as mesmas oportunidades que as primas tiveram. A educação era responsabilidade das mães, e a mãe de Fanny evidentemente não investiu na educação da filha.

Fanny é pedida em casamento por um rico cavalheiro, mas ela recusa, pois está apaixonada por seu primo Edmund Bertram. Como punição, suas tias a mandam para casa na esperança de que ela sinta falta do rico estilo de vida em *Mansfield Park* e acabe aceitando a proposta daquele cavalheiro que lhe garantiria uma vida confortável e independente das tias. Ao chegar em Portsmouth, sua mãe a recebe com certa ternura, mas Fanny fica chocada com a falta de bons modos de sua família e com o estado lamentável da casa. O narrador descreve:

Sua decepção com a mãe foi maior; lá ela esperou muito e não encontrou quase nada. Todo esquema lisonjeiro de ser importante para ela logo caiu por terra. A Sra. Price não foi indelicada - mas, em vez de ganhar seu afeto e confiança, e tornar-se cada vez mais querida, sua filha nunca encontrou maior bondade nela do que no primeiro dia de sua chegada. O instinto da natureza logo foi satisfeito, e o apego da Sra. Price não tinha outra fonte... Suas filhas nunca foram muito para ela (Austen, 2003, 306).³¹

³⁰ Do original: “it is not at all necessary that she should be as accomplished as you are; - on the contrary, it is much more desirable that there should be a difference” (Austen, 2003, p. 16).

³¹ Do original: “Her disappointment in her mother was greater; *there* she had hoped much, and found almost nothing. Every flattering scheme of being of consequence to her soon fell to the ground Mrs. Price was not unkind - but, instead of gaining on her affection and confidence, and becoming more and more dear, her daughter never met with greater kindness from her, than on the first day of her arrival. The instinct of nature was soon satisfied, and Mrs. Price’s attachment had no other source. Her heart and her time were already quite full; she had neither leisure nor affection to bestow on Fanny. Her daughters never had been much to her” (Austen, 2003, 306).

A Sra. Price demonstra que não se importa com os filhos, colocando-os sob os cuidados alheios e relegando sua educação. Aliás, de acordo com Worsley, Cassandra, a mãe de Austen, referiu-se a esse romance:

A Sra. Austen criticou *Mansfield Park*, por sua famosa e angustiante cena de uma mulher pobre rejeitando um homem rico porque não pode amá-lo. A atitude de Cassandra [irmã] e da Sra. Austen *pode* ser lida como uma desaprovação codificada das sensibilidades excessivamente gentis de Jane sobre se casar por dinheiro. (Worsley, 2017, p. 176).³²

No romance *Emma*, há completa ausência da mãe da protagonista Emma Woodhouse, a qual faleceu quando essa era muito pequena. Diferentemente das outras heroínas de Austen que enfrentam dificuldades financeiras, Emma é rica e herdeira de uma grande fortuna. Por isso, acredita que não precisa se casar e se diverte arranjando casamentos em sua vizinhança. Contudo, ela magoa algumas pessoas ao seu redor, com sua imaturidade e excesso de autoconfiança. Pode-se pensar que, fosse sua mãe viva, talvez ela não passasse por tantas situações constrangedoras.

A figura materna em *Emma* pode ser encontrada na Sra. Taylor, babá de Emma. Ela é responsável pela educação dessa jovem, mas falha nesse processo por ser indulgente e permitir que ela (Emma) realize todas as suas vontades. Para a Sra. Taylor, Emma é perfeita, segundo afirma:

Com todos os seus pequenos defeitos, a querida Emma é uma excelente criatura. Onde poderíamos ver uma filha melhor, ou uma irmã mais carinhosa ou uma amiga mais verdadeira? Não, não, ela tem qualidades que merecem confiança, nunca cometerá um grande erro. Onde Emma erra uma vez, acerta cem. (Austen, 2010, p. 30).

No entanto, a Sra. Taylor está equivocada, pois Emma comete muitas falhas ao longo do romance. Porém, são essas falhas que fazem com que ela amadureça, isto é, ela acaba tendo que aprender duras lições por si mesma.

Em *A abadia de Northanger*, a heroína é Catherine Morland. Ela provém de uma grande família, com nove irmãos. Sua mãe, a Sra. Morland, não aparece muito na história. Logo no início, sob a tutela do casal Allen, Catherine viaja para Bath, local onde a maior parte da história se desenrola. Dessa maneira, a Sra. Allen age como sua mãe durante a

³² Do original: “And Mrs Austen took against *Mansfield Park*, with its celebrated, harrowing scene of a poor woman turning down a rich man because she cannot love him. Cassandra and Mrs Austen’s attitude *can* be read as a coded disapproval of Jane’s overly nice sensitivities about marrying for money” (Worsley, 2017, p. 176).

viagem. No entanto, essa senhora pouco contribui para o bom comportamento de Catherine. Ela é uma jovem inexperiente, ingênua e passa por situações constrangedoras, principalmente devido a sua imaginação fértil e a sua fácil crença no que as pessoas lhe dizem. A Sra. Allen, por sua vez, em nada a ajuda nem lhe dá bom exemplo de conduta. Sobre essa senhora, Austen descreve:

A Sra. Allen fazia parte daquela numerosa classe de mulheres, cuja sociedade não pode despertar outra emoção senão a surpresa de haver algum homem no mundo que pudesse gostar delas o suficiente para se casar com elas. Ela não tinha beleza, gênio, realização, nem boas maneiras [...]. Vestir-se bem era sua paixão. (Austen, 2007, p. 9).³³

Percebe-se que essa senhora era ignorante, vazia e frívola, um tipo que nenhuma mãe responsável desejaria como companhia para a filha durante uma viagem. Mais uma vez nota-se a irresponsabilidade da Sra. Morland.

Nesse romance, uma personagem que, de certa forma, age como figura materna é uma das amigas de Catherine, Eleanor Tilney. Essa moça perdeu sua mãe quando ainda era adolescente e, ao contar sobre ela a Catherine, declara: “Uma mãe estaria sempre presente. Uma mãe teria sido uma amiga constante; sua influência estaria além de todas as outras” (Austen, 2007, p. 131).³⁴ Ela é uma amiga atenciosa e, no romance, contribui para o crescimento de Catherine, diferentemente da Sra. Morland e da Sra. Allen.

Em *Persuasão*, a mãe da personagem principal, Anne Elliot, também é ausente, tendo falecido quando Anne era jovem. Ao ler sobre a triste trajetória de Anne, nota-se que se sua mãe ainda vivesse, talvez essa heroína não tivesse passado por tanto sofrimento e angústia.

Quando ainda jovem, Anne se apaixonara por um jovem rapaz, o Sr. Wentworth. Contudo, ela provinha de uma família abastada, e seu pretendente tinha origens mais humildes. Além disso, Wentworth havia se alistado para fazer parte da Marinha inglesa e poderia morrer em serviço. Então, esse casamento seria inapropriado e, ainda que desejasse aceitar o pedido de casamento do Sr. Wentworth, Anne foi persuadida a recusá-lo.

³³ Do original: “Mrs Allen was one of that numerous class of females, whose society can raise no other emotion than surprise at there being any men in the world who could like them well enough to marry them. She had neither beauty, genius, accomplishment, nor manner. [...] Dress was her passion” (Austen, 2007, p. 9).

³⁴ Do original: “A mother would have been always present. A mother would have been a constant friend; her influence would have been beyond all other” (Austen, 2007, p. 131).

A grande responsável por essa influência foi a personagem Lady Russell, grande amiga da falecida Sra. Elliot, que zela por Anne e a convence de que tal proposta de casamento devia ser recusada, devido à posição social do rapaz e à possibilidade de ele morrer em serviço. “Ele era brilhante, ele era obstinado. Lady Russell tinha pouco gosto pelo humor e por qualquer coisa que se aproximasse da imprudência, um horror. Ela desaprovou a conexão em todos os aspectos” (Austen, 2004, p. 27).³⁵ Anne recusa o pedido e, por oito anos, vive arrependida, sofrendo em silêncio.

Lady Russell acaba sendo uma espécie de figura materna para Anne. Ela sabe que Anne é uma garota especial e diferente do resto de sua família, cujo pai e irmãs são fúteis. Lady Russell a persuade em sua conduta, visando a seu bem. No entanto, ela falha nesse processo e, como resultado, Anne passa anos sofrendo em silêncio, incapaz de confessar seus sentimentos para alguém, principalmente quando reencontra Wentworth e acredita que tudo está perdido. Dessa forma, Austen parece nos dizer que figuras maternas também podem ser perigosas ao contribuírem para as escolhas erradas de suas filhas. Mas, para a sorte de Anne, Wentworth a pede em casamento novamente e os dois se casam por amor. Ao escutar seu coração, Anne finalmente encontra o caminho para a felicidade.

CONCLUSÃO

Como se vê, Cassandra se casou com o Reverendo Austen logo após o falecimento de seu pai, para assegurar uma casa para ela e sua mãe. Alguns anos após a morte de George Austen, algo similar aconteceu com Jane Austen. Ela recebeu um pedido de casamento de um homem rico que garantiria uma casa confortável para ela, sua mãe e sua irmã. Mas Jane recusou o pedido, pois, aparentemente, ela desejava se casar por amor, assim como suas heroínas. Não sabemos como sua mãe reagiu a esse fato, mas por sua reação ao romance *Mansfield Park*, quando Fanny recusa uma proposta de casamento nesses mesmos termos, especula-se uma semelhança.

Na Inglaterra do século XIX, o papel da mulher era casar-se, ter filhos e cuidar da casa. Inclusive, nessa época, manuais de conduta doméstica ensinavam as particularidades do comportamento de uma boa esposa e mãe, a exemplo do livro *Sermons to young women* (1776), escrito por James Fordyce e mencionado em *Orgulho*

³⁵ Do original: “He was brilliant, he was headstrong. - Lady Russell had little taste for wit; and of any thing approaching to imprudence a horror. She deprecated the connexion in every light” (Austen, 2004, p. 27).

e preconceito. Sendo assim, as mulheres deveriam fazer o que era esperado delas. Não havia muito espaço para que escolhessem o tipo de mãe que gostariam de ser. A maternidade era um papel social.

Nessa perspectiva, sugere-se que a visão de Austen em relação à figura materna criticava às expectativas sociais acerca dessa figura. Na narrativa de Austen, essas mães não são perfeitas, mas produto de uma expectativa social. Apesar de falharem na educação dessas heroínas, elas não agem por falta de amor. Trata-se de seres humanos cujas falhas são resultado de uma imposição social. Se são ridículas, é porque o mundo não lhes deixa outra opção.

Em relação à genitora de Austen, apesar das poucas especulações nas cartas que restaram, é possível imaginar que as duas eram parecidas, pois eram inteligentes, escreviam bem e até mesmo costuravam bem. Por fim, diante de todos os obstáculos que as mulheres enfrentavam (principalmente as escritoras), vemos que Austen produziu muitas obras, e isso teria sido difícil sem o encorajamento das pessoas ao seu redor, principalmente de sua mãe.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. *Emma*. São Paulo: Landmark, 2010.
- AUSTEN, Jane. *Mansfield Park*. Oxford: Oxford World's Classics, 2003.
- AUSTEN, Jane. *Northanger Abbey*. Londres: Wordsworth Classics, 2007.
- AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- AUSTEN, Jane. *Persuasion*. Oxford: Oxford World's Classics, 2004.
- AUSTEN, Jane. *Sense and sensibility*. Oxford: Oxford World's Classics, 2017.
- AUSTEN-LEIGH, James Edward. *Uma memória de Jane Austen*. Domingos Martins: Pedrazul, 2019.
- BENSON, Mary Margaret. Mothers, substitute mothers, and daughters in the novels of Jane Austen. *Jane Austen Society of North America*, Oregon, v. 11, n. 1, p. 117-124, 1989.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- COMBE, Dominique. A referência desdobrada: o sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. *Revista USP*, n. 84, p. 112-128, 2010.

CORNELISON, Destiny. *Beyond marital bliss: a redemption of motherhood in Jane Austen*. 2019. 79f. Dissertação (English MA Theses) - Georgias's Public Liberal Arts University, Georgia College, Georgia, 2019.

CULLER, Jonathan. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Becca, 1999.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: USP, 1997.

WOOLF, Virginia. *Um quarto só seu*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

WORSLEY, Lucy. *Jane Austen at home*. New York: St. Martin's Press, 2017.

Recebido em: 11/12/2023

Aceito em: 30/09/2024

Marcella Faria: doutoranda em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Letras Inglês e Mestre em Literatura e Práticas Sociais pela mesma instituição. Bolsista CAPES. É autora do livro *A verdade universal de Jane Austen e o romance de formação: um estudo de Orgulho & Preconceito e Emma*, publicado pela Editora Appris em 2021.